
RESENHA

SOBRE OS SERES HUMANOS E SUAS EMOÇÕES: UM ENSAIO SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DOS PROCESSOS

Márcio José de Oliveira Rocha*

ELIAS, Norbert. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C. (Orgs.). *O controle das emoções*. João Pessoa: UFPB, 2009. 260p.

Norbert Elias (1897 - 1990), sociólogo alemão formado pelas Universidades de Breslau e Heidelberg, trabalhou por muitos anos na universidade de Leicester e foi professor visitante na Alemanha, Holanda e Gana. Em 1988 ganhou o prêmio europeu Amalfi de Sociologia e Ciências Sociais pela publicação de *“A Sociedade dos Indivíduos”*. Entre suas principais obras publicadas no Brasil temos *“O Processo Civilizador”* (2 vols.); *“A Sociedade de Corte”*, *“A Sociedade dos Indivíduos”*, *“Os estabelecidos e os outsiders”*, entre outras.

O autor inicia o texto com provocações a duas teses que, em sua perspectiva, reduzem a constituição das emoções humanas em dimensões biológicas ou culturais. Na sequência, propõe sua tese a partir de três hipóteses que acabam aprofundando sua crítica às teses anteriores e mostrando o caráter interdependente tanto do biológico, quanto do cultural na constituição das emoções humanas na sociologia dos processos.

Elias classifica as pesquisas científicas em duas tendências: as naturais, “monísticas”, ou seja, que concluem sobre as emoções humanas apenas com base em emoções “inatas” (e por isso sua preocupação está em perceber o processo evolutivo das emoções humanas com base em pesquisas com animais não-humanos); e a tese “dualística” do grupo das Ciências Humanas (sociais, morais do espírito), que não leva em consideração a evolução das emoções primitivas (inatas) e as trata de forma isolada e independente. Para o autor,

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFGD na Linha de “História, Memória e Sociedade”. Membro do Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador” e Bolsista CAPES marciojoserocha@hotmail.com.

ambas são importantes, porém são interdependentes, pois, no processo evolutivo, em um determinado estágio o organismo humano sofreu um processo de *diferenciação biológica* tal que lhe deu capacidade de expressar suas emoções de forma muito própria, como nenhum animal não-humano (p.23-24).

Para a primeira hipótese Elias parte do seguinte problema: como se explica o fato de a espécie humana ter características peculiares e estar de acordo com a continuidade do processo evolutivo? Hipótese: “Como espécie os seres humanos representam uma inovação evolutiva inédita” (p.26). Mesmo que todos os animais combinem seu equipamento de comportamento unindo o inato com uma capacidade de adquirir comportamentos aprendidos, com os seres humanos não somente acontece o mesmo, como são potencializados, com equipamento biológico comportamental que pode fazer com que os comportamentos aprendidos se tornem dominadores dos comportamentos inatos.

A segunda hipótese é desenvolvida como corolário da primeira. Ela não é colocada como uma sentença, como ocorre com a primeira, mas é desenvolvida a partir da ideia de que *o ser humano não somente “pode” aprender mais que qualquer outra espécie animal, como “deve” aprender mais para tornar-se indivíduo funcional pertencente a um grupo social*. No processo de evolução dos seres humanos, a capacidade de aprender se potencializou ainda mais que nas demais espécies, a ponto de ficarem totalmente dependentes de formas de comunicação e controle das emoções adquiridas para sobreviver e se orientar no mundo (p. 27).

Tais conclusões levam o autor a se questionar acerca da necessidade de redefinição da concepção de “natureza” humana. Segundo o autor, dois tipos de estruturas devem ser consideradas como naturais: por um lado, as que não podem ser alteradas pelas experiências acumuladas e lembradas; e, por outro, as estruturas que só funcionam mediante estímulo do desejo de aprendizagem nas relações sociais. Elias mostra como exemplo o processo de aprendizagem de uma criança.

Esta nasce com o aparato vocal “dormente” (sons pré-linguísticos inatos), despertado pelo relacionamento com outras pessoas, pois o “aprendizado infantil da linguagem é possibilitado pelo entrelaçamento de dois processos: um biológico de maturação e um processo social de aprendizagem” (p. 28-29). Esta junção de processos mostra o “engate” que conecta a natureza humana com a sociedade humana (p.29-34). Em suma, só é possível aprender socialmente a partir daquilo que está equipado biologicamente.

Como implicação da segunda hipótese, o autor apresenta uma terceira hipótese que é: *nenhuma emoção de uma pessoa adulta é inteiramente inata, um*

modelo de reação geneticamente fixado, pois elas são construídas a partir dos componentes fisiológico, sentimental e comportamental. O autor não toma o termo “emoção” como tem sido usado no cotidiano, por exemplo: “esta pessoa é um pouco emotiva com relação a isto ou aquilo”. Neste caso, o componente *sentimental* é colocado no centro (p. 35).

Na compreensão do autor, pelo menos três aspectos compõem a emoção humana que é compartilhada com as espécies não-humanas: o fisiológico (por exemplo, o aumento da pulsação diante do medo), o sentimental (por exemplo, o medo, a ira, etc.) e o comportamental (por exemplo, a disposição de luta ou fuga); porém os humanos podem verbalizá-los e/ou controlá-los. Já os não humanos não podem (p. 37).

Como estratégia para abordar o problema das emoções humanas, o autor conclui seu ensaio falando sobre a face humana; especificamente, propõe uma sociologia do sorriso na face humana. Mesmo que os seres humanos conservem características em comum com outras espécies animais, no que tange ao sorriso, talvez este seja um dos componentes biológicos no humano que tenha levado, dentro de um processo evolutivo, à transição do rosto rígido e peludo para as faces nuas com mais mobilidade na comunicação.

A evolução da face levou à criação de sinais faciais que tanto serviram para maior aproximação entre humanos em sua própria espécie, como garantiram a sobrevivência da espécie humana em relação às demais, em situações onde a capacidade de comunicação facial serviu como estratégia de confronto pela sobrevivência e disputas de poder.

Concluindo, para Elias as emoções humanas são um processo que tanto recebemos inativamente no processo evolutivo, como aprendemos (adquirimos) no processo de socialização. Neste sentido, o que nos faz humanos é nossa capacidade de conhecer e ter consciência de usar nossos componentes biológicos e comportamentais. Logo, esta capacidade de conhecer e ter consciência faz com que as emoções inatas fiquem sujeitas às emoções adquiridas socialmente. Isto é o que conduz ao processo de controle das emoções e à sua tese fundamental, que é o processo civilizador.